

**“Sempre tive o sonho de reunir as diversas Nações Indígenas do mundo. Vivi, lutei e consegui!” - Carlos Terena, criador dos Jogos dos Povos Indígenas - *in memoriam***

*“I always had the dream of bringing together the various Indigenous Nations of the world. I lived, I fought and I succeeded!” – Carlos Terena, creator of the Indigenous Peoples Games – in memoriam*

*“Siempre tuve el sueño de unir a las diferentes Naciones Indígenas del mundo. ¡Viví, luché y lo logré!” – Carlos Terena, creador de los Juegos de los Pueblos Indígenas – en memoria*

**Mariano Justino Marcos Terena**

Coordenador Geral dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas

[marcosterena@gmail.com](mailto:marcosterena@gmail.com)

## **“Sempre tive o sonho de reunir as diversas Nações Indígenas do mundo. Vivi, lutei e consegui!”**

A partir dessa premissa em conjunto com a ação de um rei, o Rei do futebol Edson Arantes do Nascimento, que como Ministro Extraordinário do Esporte ouviu a proposta de realização de um evento que não caracterizasse “um campeonato de índios”, investiu e também passou para a história do Índio do Brasil, ao realizar os 1º Jogos dos Povos Indígenas no ano de 1996, na cidade de Goiânia.

Ao longo de doze edições por vários biomas nacionais, essas atividades foram criando corpo e consolidando-se como um marco no resgate da identidade dos povos, o respeito a reciprocidade intertribal até em povos outrora inimigos históricos, ao mesmo tempo provocando uma inquietação nos movimentos pró-Índio e estudiosos do esporte. Qual era o desenho do próximo evento?

Os indígenas no Brasil deste novo milênio correspondem a quase um milhão de pessoas distribuídas em comunidades e seus territórios em todos os biomas nacionais, territórios históricos que correspondem a quase 15% do nosso País. São responsáveis pelo equilíbrio ambiental e a diversidade linguística de mais de 200 línguas vivas, cultural e espiritual, como exemplo de diversidade em todo o mundo e que possuem também, as maiores reservas biológicas e aquáticas. Povos e comunidades indígenas que nos anos 70/80 estavam fadados ao desaparecimento de acordo com as profecias de estudiosos.

No entanto a partir de seus biomas os povos indígenas se organizaram e se rebelaram diante das ameaças in loco como a aculturação e o desenvolvimento que empobrece e subjuga não só os indígenas, mas as mais diversas populações da sociedade moderna.

É inexplicável o surgimento de povos indígenas a partir do cenário sócio e ambiental, que estava por algum motivo desaparecido, excluído ou inerte. Assim, com o ritual da celebração que sempre foi praticado por cada costume e tradição, os biomas das quatro direções do vento começam a soprar cantorias com corpos coloridos e as identidades culturais. Era uma realidade se

---

transformando em sonhos e novas ideias de Carlos Terena, que também era um visionário.

No entanto, o mundo da burocracia cheio de exigências e armadilhas era um obstáculo a ser superado. Por um lado, o planejador indígena e do outro lado do balcão o burocrata supostamente zeloso pelo bem público, mas que pecava por não conhecer as realidades indígenas e dos caminhos entre as comunidades e os locais dos jogos. Aprendemos com isso que nem tudo é papel, mas identificar o produto e responder as expectativas geradas ao longo do contato com a nova civilização, seja através das canções de alegria, de celebração ou é com a força dos líderes espirituais.

São fatores que geralmente não responde a contento o estudioso, o pesquisador das ciências sociais e do esporte, ao verificar de uma maneira geral os trabalhos publicados. Percebemos, ainda, um distanciamento entre o conteúdo literário e as manifestações do esporte como um ritual onde o importante não é só ganhar, mas celebrar!

Às vésperas de se realizar os III Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, percebemos que todas as instâncias de uma organização internacional e interétnica foram sendo construída com os devidos cuidados para a projeção de um aprendizado de doze edições brasileiras realizadas em todos os biomas do País, no entanto, nenhuma estrutura estatal ou mesmo acadêmica que se fizeram presentes nesses períodos conseguiu se estabelecer como instância dos esportes indígenas e suas riquezas.

O Brasil é um universo de mais de 330 sociedades distintas que falam em torno de 220 idiomas vivos. Trabalhar nesse cenário onde as etnias não são representadas apenas por um Líder ou Aldeia é um complexo e exercício geopolítico que somente o ITC – Comitê Intertribal conseguiu realizar e se fazer presentes como irmãos respeitáveis pelas comunidades existentes.

Dentro dessas inquietações surge o Estado nacional e suas instâncias constituídas que nem sempre corroboram na formatação e dinâmica de realização dos Jogos dos Povos Indígenas, que vai além do esporte como tal.

Por outro lado, o sistema ONU desde 1992, após a realização no Brasil da UNCED-92 e a participação de 92 organizações e povos indígenas do mundo, organizada pela primeira vez pelo ITC – Comitê Intertribal para tratar do tema

“Desenvolvimento e Meio Ambiente”, conseguiu-se mudar o título da conferência com o acréscimo do termo “território”, e ali foi escrito a Declaração da Kari-Oca com 109 recomendações, que foi o nascedouro dentro da ONU para as principais instâncias existentes em alto nível como O Fórum Permanente sobre Questões Indígenas e a Declaração dos Direitos dos Povos Indígenas, onde consta além dos direitos sobre águas, línguas e biodiversidade, também “o direito de praticar os jogos indígenas”.

Numa rápida abordagem de quem participou de todos esses momentos na arena nacional e internacional, torna-se importante destacar que os Jogos dos Povos Indígenas e os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas contempla intercâmbios de conversas, interação, troca de saberes, novos conhecimentos intertribais, esportes e tradições culturais e espirituais. Ou seja, não está restrito ao esporte e seu campeão, mas a celebração e a preocupação com o mundo moderno por exemplo, que avança a um futuro incerto como as mudanças climáticas que atingirá as aldeias tradicionais, mas certamente os centros urbanos apesar de suas tecnologias.

Nesses relacionamentos com a sociedade moderna científica ou populacional em geral que inclui inclusive a busca da diversidade e da igualdade racial, nossos povos do Brasil sempre foram tolerantes, mas nunca arrogantes como verdade única.

Essa marcha, esses comportamentos indígenas no caso dos JPI não foram apropriados pelos setores desportivos como mercadológico ou inédito de difícil acesso intelectual ou acadêmico. Mas dentro dos sistemas internacionais como em países mais avançados que o Brasil, instâncias do saber tradicional e segurança alimentar que é outra base da força indígena nos JPI, tem construído por exemplo, universidades indígenas com a mesma capacidade científica e que se interage com as forças desportivas, reconhecendo nas olimpíadas sintomas de desgastes no formato e seus resultados.

O mundo moderno requer os Jogos Tradicionais dentro de um respeito mútuo. Muitas iniciativas indígenas no Brasil têm buscado copiar os modelos utilizados pelos JPI organizados pelo ITC, acreditando que para a realização de um trabalho dessa envergadura basta apenas ter os recursos dos governantes e convidar os indígenas. Não se tem notícia de qualquer outra iniciativa com a

---

mesma capacidade interétnica e desportiva, mas muitas vezes confundem as próprias aldeias e os ideais dos Jogos.

Nos primeiros Jogos de Goiânia em 1996, o ITC e seus dirigentes realizaram várias viagens as aldeias explicando as intenções de uma atividade nova e desafiadora. Era o início de um sonho de encontros para uma realidade desconhecida, inclusive para a escolha do nome do evento. Muitos sugeriram olimpíadas indígenas, jogos verdes, etc.

Mas, nós que sofremos uma série de preconceitos e discriminações queríamos marca uma diferença de relacionamentos com a sociedade desportiva nacional e internacional. Não era o indígena jogando vôlei, futebol, nadando em piscina e sim, utilizando de sua força original que era os povos indígenas trazendo sua forma de lazer, alegria e força física. Assim, Carlos Terena recomendou o uso de apenas três palavras: Jogos - Povos - Indígenas.

Para a realização dos I Jogos Mundiais dos Povos Indígenas com apoio do Governo Dilma Roussef, o trabalho de organização começou no Dia Internacional dos Povos Indígenas quando conseguimos conversar com Mr. Ban Ki-Moon – secretário geral da ONU, que atenciosamente apoiou e estimulou essa iniciativa, ou seja, o poder máximo internacional.

Na abertura recebemos a seguinte mensagem: “este evento é um excelente exemplo de como o esporte pode unir as pessoas e promover a paz, o respeito pelos direitos humanos e as ricas culturas e sabedoria indígenas de todo o mundo”. Foi o maior fato do mundo indígena através dos esportes tradicionais e que serviu para o resgate do orgulho indígena, estilo de vida, autoestima, e dignidade para afirmar nossa importância diante de países modernos e ricos que só sabem promover a guerra e o desrespeito pelos direitos humanos e ambientais.

A partir do sinal verde do Secretário Geral da ONU, outras instâncias como a UNESCO também se manifestou ao afirmar em publicação: “os jogos tradicionais são uma expressão do patrimônio cultural imaterial e colaboram com a transmissão desse patrimônio, na medida em que guardam em si uma série de valores ancestrais, uma cosmovisão específica e contribuem para o diálogo intergeracional. É nesse sentido que as manifestações associadas aos jogos autóctones devem ser incentivadas, não somente como demonstração de força e habilidade dos praticantes, mas como expressão de sua cultura. Os I

Jogos Mundiais dos Povos Indígenas são uma das mais significativas iniciativas no sentido de salvaguarda dessas manifestações em escala global”.

Ao abordar todas essas passagens seja no plano nacional ou internacional, é preciso homenagear e agradecer cidades como Goiânia (GO), Guaíra (PR), Marabá (PA), Campo Grande (MS), Marapanim (PA), Palmas (TO), Porto Seguro (BA), Fortaleza (CE), Recife e Olinda (PE), Paragominas (PA), Porto Nacional (TO) e Cuiabá (MT), assim como toda a equipe de trabalho indígenas e não indígenas.

Há um caminho a seguir. Existe uma esperança para os esportes como um todo. É preciso provocar e alcançar a reciprocidade. Resgatar como forma de sobrevivência e segurança que o modelo indígena de fazer esporte não está necessariamente em formas comuns dos esportes existentes. É preciso jogar com os códigos ambientais. Todo o cuidado sim, deve-se ter com o colonizador predador. A afirmação dos povos indígenas como primeiras nações a partir de sua territorialidade (sustentabilidade), não pode ser via JPI ou como um “mercado da bola”. Eles os colonizadores desde o primeiro contato nunca entenderam os códigos de vida indígena e por isso criaram formas legais e acadêmicas para novos parâmetros de dominação e até mesmo de regras a partir disso.

O Marco Temporal é um exemplo dessa criação demoníaca capaz de matar. São possibilidades de conflitos como exemplificado antes, para questionar, retaliar e destruir. Na abertura dos I JMPI em Palmas, diversos indígenas pagos por organizações governamentais invadiram a arena para protestar contra o governo federal. Hoje esse mesmo grupo faz parte do mesmo governo.

Não queremos como indígenas criar formas de participação, competição e celebração baseadas nas meias verdades da sobrevivência humana.

Se temos novos caminhos a percorrer no futuro, é importante estabelecer-se novas alianças para o bem comum, por isso, ao concluir essa abordagem, nossas homenagens ao Mestre Zé Ronaldo oriundo da academia e ciência moderna, e por outro lado, ao irmão Carlos Terena, Mestre dos Saberes Tradicionais, Sonhador e realizador dos Jogos Indígenas.

---

## **Mariano Justino Marcos Terena**

Escritor e Comunicador Indígena, Filósofo dos saberes tradicionais da linhagem Xumono. Junto com o seu irmão Carlos Terena, foi idealizador dos Jogos Nacionais dos Povos Indígenas, Jogos Mundiais dos Povos Indígenas e do Festival Nacional das Culturas e Tradições Indígenas, como ações afirmativas de iniciativas indígenas para o resgate da identidade cultural. É articulador dos direitos indígenas junto à Organização das Nações Unidas, à Organização dos Estados Americanos e aos programas dos bancos de fomento multilaterais. Participou da criação do Fórum Permanente da Organização das Nações Unidas sobre Questões Indígenas em Nova Iorque e da coalizão "Land is Life", e também dos debates e aprovação da Declaração da ONU sobre os Direitos dos Povos Indígenas.

E-mail: [marcosterena@gmail.com](mailto:marcosterena@gmail.com)

---

Recebido para publicação em novembro de 2024.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2025.